

A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DO GÊNERO SESSÃO REFLEXIVA EM UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Eliseu Alves da SILVA
(Universidade Federal de Santa Maria)
zezeu025@gmail.com

Máisa Helena BRUM
(Universidade Federal de Santa Maria)
maisahbrum@gmail.com

RESUMO: Programas de formação continuada configuram uma atividade social que emerge do contexto escolar. Essa atividade social congrega diferentes gêneros discursivos, muitos dos quais são utilizados como instrumentos de investigação, como as sessões reflexivas. Assim, nesta pesquisa buscamos identificar a configuração do *gênero sessão reflexiva* a partir de um estudo comparativo da organização retórica de exemplares desse gênero. A análise indicou uma tendência de organização em três movimentos que se realizam em oito passos. A análise comparativa demonstra a relevância de se compreender a organização retórica desse gênero de modo a oferecer insights para o planejamento e desenvolvimento desses eventos.

PALAVRAS-CHAVE: análise crítica de gênero; organização retórica; sessão reflexiva; formação continuada.

ABSTRACT: *Continuing education programs constitute a social practice that emerges from the school context. This social practice is surrounded by different genres, most of which are used as research tools, which includes the reflective sessions. Thus, in this research we seek to identify the structure of the genre reflexive session from a comparative study of the rhetorical organization of exemplars of this genre. The analysis indicated an organization trend of three movements that take place through eight steps. The comparative analysis demonstrates the relevance of understanding the rhetorical organization of this kind of genre in order to offer insights for the planning and the development of these events.*

KEY-WORDS: *critical genre analysis; rhetorical organization; reflective session; continuing education.*

0. Introdução

Programas de formação continuada configuram uma prática social que emerge do contexto escolar. Tais programas têm como objetivo refletir sobre a prática docente a partir de questionamentos (Gimenez, Arruda e Luvuzari, 2004) que promovam a construção conjunta de conhecimentos científicos (Machado, 2004). E, em última instância, a aplicação desses conhecimentos no contexto escolar. Segundo Celani (2002:24), a formação continuada de professores extrapola os limites da teoria unicamente voltada para fins docentes, pois procura reconfigurar o papel do professor participante de modo que ele também se perceba “agente de transformação do contexto profissional” e, conseqüentemente, um multiplicador de ações transformadoras. Por esse motivo, essa prática social está envolta por diferentes gêneros discursivos e muitos desses gêneros são frequentemente utilizados como instrumentos de investigação de pesquisa. A sessão reflexiva é um exemplo.

Nos termos de Santos (2011), a sessão reflexiva (doravante SR) é definida como “um espaço de reflexão colaborativa sobre as práticas de ensino e aprendizagem, buscando descrevê-las, informá-las, confrontá-las e, quiçá, reconstruí-las”. Ao definir o gênero SR para essa pesquisa também levamos em consideração que as SRs são um espaço de constituição do profissional crítico-reflexivo em educação e que cada participante tem o papel de conduzir o outro através da reflexão crítica de suas ações (Magalhães, 2007).

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar comparativamente três sessões reflexivas, realizadas nos anos de 2012 e 2013, de modo a identificar a configuração da organização retórica do gênero SR incluído na prática social de formação continuada de professores do ensino público estadual.

A fim de organizar a apresentação dos resultados encontrados nessa pesquisa, a discussão será composta de quatro momentos. Primeiramente, apresentamos os aportes teóricos que embasam esta análise e a metodologia utilizada na condução do estudo. Em seguida, discutimos os resultados encontrados a partir da análise dos dados e tecemos algumas considerações sobre as implicações deste estudo para o campo da formação de professores.

1. A sessão reflexiva e os pressupostos teóricos

A SR, também chamada de “sessão de visionamento” (Abrahão, 2006:227), é considerada por muitos pesquisadores como um instrumento de investigação para estudar o contexto escolar, pois, por

meio das gravações em áudio e vídeo dos encontros, ela possibilita a discussão e reflexão crítica acerca das ações (aulas e/ou encontros gravados), concepções, crenças e processos que subjazem a prática docente (Abrahão, 2006).

O conceito para o gênero SR ao qual nos afiliamos nesta análise parte da definição proposta por Soares (2011), enquanto uma prática social que tem por finalidade refletir sobre as ações pedagógicas buscando sua descrição, informação, confrontação e, como aponta a autora, “quicá” reconstrução das práticas de ensino. Em sua análise, a autora propõe a caracterização do gênero a partir da identificação de seus traços distintivos (tema, estilo e construção composicional), tendo como aporte a teoria bakhtiniana (Bakhtin, 1979).

Para a presente análise, diferente de Soares, adotamos uma perspectiva teórico-metodológica que congrega três abordagens dos estudos de gênero: a Sociorretórica, a partir de Miller (2009b) e Devitt (2004); a Análise Crítica de Gênero, a partir de Motta-Roth (2005); e a Linguística Sistêmico-Funcional, a partir de Hasan (1989) e Halliday e Matthiessen (2004).

Na perspectiva da Sociorretórica, os gêneros representam ações sociais (Miller, 2009b) e são definidos por seus usuários (Devitt, 2004). A SR é analisada a partir das atividades (temas) que “se realizam no evento comunicativo dos participantes e do propósito do gênero” (Devitt, 2004:13).

Pela Análise Crítica de Gênero, em que os gêneros são tomados como “atividades culturalmente pertinentes [e recorrentes], mediadas pela linguagem num dado contexto de situação” (Motta-Roth, 2005), busca-se identificar os traços de linguagem relevantes por meio de algumas perguntas selecionadas de Motta-Roth (2011:158) que estabelecem a relação entre texto e contexto para configuração do gênero: a) Qual a relevância do gênero para o contexto?; b) Que papéis são desempenhados pelos participantes dessa interação?; c) Quais os objetivos dos participantes dessa interação?; d) Qual é o registro usado nessa interação? Qual o grau de polidez?; e) Que estágios textuais (movimentos e passos) são frequentemente encontrados?. Aqui, os estágios textuais são entendidos como as ações retóricas que contribuem para que o objetivo comunicativo do gênero seja alcançado (Swalles, 1990), por exemplo, o estágio textual de “abertura de uma sessão reflexiva” (Movimento 1) pode se materializar de diferentes maneiras (passos): pela saudação aos participantes, pela apresentação dos mesmos (ou de um novo participante que chega ao grupo) ou ainda pela indicação do tópico que será discutido no encontro.

A partir da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional visamos compreender quais os elementos do texto e do contexto integram-se

num dado contexto de situação (Motta-Roth e Heberle, 2005). Segundo Motta-Roth e Heberle (Ibidem), cada gênero corresponde ao uso que fazemos da linguagem (padrões textuais recorrentes) para atingir um objetivo comunicativo em uma situação específica. Assim, investigamos em que sentido esses elementos textuais e (co)textuais podem ser considerados obrigatórios e opcionais (Hasan, 1989) na estrutura do gênero SR. A fim de investigar o contexto das nossas sessões reflexivas nos valem das variáveis de Campo (o que acontece), Relação (quem participa) e Modo (papel da linguagem) da gramática sistêmico-funcional (Halliday e Matthiessen, 2004) para desenvolver a configuração do contexto (CC) das SRs.

As variáveis Campo, Relação e Modo são responsáveis pela CC de um gênero e "permitem-nos fazer previsões sobre qualquer texto em um dado contexto" (Motta-Roth e Heberle, 2005). Tais variáveis mantêm uma relação de reciprocidade com os elementos textuais opcionais e obrigatórios de um gênero. Dessa forma, a estrutura potencial do gênero (EPG) constituiu-se "na expressão verbal da CC, sendo determinada pelo conjunto de valores associados às variáveis de Campo, Relações e Modo" (Ibidem). Em suma, o objetivo da EPG é (re)organizar as estruturas esquemáticas potencialmente disponíveis aos textos de um mesmo gênero (Hasan, 1994) de forma que qualquer exemplar desse gênero possa ser representado (Motta-Roth e Heberle, 2005).

A representação esquemática da EPG do gênero SR identifica os estágios textuais frequentemente encontrados em exemplares do gênero em termos de movimentos e passos retóricos que se materializam em atos de fala. Os movimentos dizem respeito aos "padrões retóricos recursivos encontrados em diferentes textos, nos quais diferentes segmentos textuais desempenham diferentes funções comunicativas" (Motta-Roth, 2005:44) e os passos configuram as estratégias que contribuem para a realização de um dado movimento, por exemplo, para marcar o andamento da SR podemos propor a discussão de um tema, a descrição de uma situação de sala de aula, etc. Dentre os passos identificados buscou-se predizer os elementos obrigatórios, opcionais e iterativos da EPG (Hasan, 1989).

Segundo Motta-Roth e Heberle (2005:18), os elementos obrigatórios "são componentes essenciais e definidores do gênero" e os opcionais são variáveis, pois "sua ocorrência não é definidora do gênero" (Ibidem). Já os iterativos são aqueles que podem aparecer mais de uma vez, em momentos diferentes do evento comunicativo (Ibidem), pois sua ocorrência está diretamente relacionada com as necessidades ou exigências da interação, por exemplo, a "apresentação dos participantes" só será necessária no primeiro encontro ou quando um novo participante ou um convidado chegar ao grupo.

Silva, Eliseu Alves da; Brum, Maísa Helena. A organização retórica do gênero sessão reflexiva em um programa de formação continuada. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 186-201, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

No Quadro 1, pode-se observar a integração das três abordagens de gênero delineadas acima, as quais constroem a base teórico-metodológica desse estudo.

Configuração Contextual (CC)	Estrutura Potencial Do Gênero (EPG)
Campo/Atividade-Propósito/Relevância do gênero (o quê?): a natureza da prática social e seus objetivos.	Estágios textuais (movimentos e passos) frequentemente encontrados em exemplares do gênero (elementos obrigatórios, opcionais e iterativos).
Relação/Participantes/Papéis (quem?): a conexão entre os participantes e os graus de relação que se estabelecem entre eles.	
Modo/Registro (como?): a forma e o meio como a interação acontece por meio da linguagem.	

QUADRO 1 – Integração das perspectivas Sociorretórica, Análise Crítica de Gênero e Sistêmico-funcional na análise do gênero SR com base em Silva (2013)

Na próxima seção são descritos os passos metodológicos adotados para a coleta e análise dos dados desta pesquisa.

2. Metodologia

2.1 *Corpus* de análise

Os dados que compõem esta análise foram coletados a partir da transcrição de três SRs durante três encontros de formação continuada com professores de uma escola de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A SR #1 foi realizada no ano de 2012 e abordava questões sobre alfabetização e letramento. As SRs #2 e #3 foram realizadas no ano de 2013 e tiveram como tema central a interdisciplinaridade no plano curricular.

2.2 Procedimentos de análise dos dados

Os procedimentos de análise dos dados compreenderam as etapas interpretativas de mapeamento, identificação, interpretação e descrição do texto e do contexto da ação social.

Em um primeiro momento, identificamos e descrevemos a CC de cada SR, a partir das variáveis de Campo, Relações e Modo, que buscaram responder às seguintes perguntas, respectivamente: a) O que acontece/que atividade social se realiza durante a sessão reflexiva?; b)

Silva, Eliseu Alves da; Brum, Máisa Helena. A organização retórica do gênero sessão reflexiva em um programa de formação continuada. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 186-201, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

Quem são os participantes e quais seus papéis sociais nessa ação social?; e c) Qual o papel desempenhado pela linguagem?.

Em um segundo momento, mapeamos, interpretamos e descrevemos a EPG de cada SR por meio da identificação de elementos linguísticos sinalizadores dos estágios textuais (movimentos e passos retóricos). Nessa etapa, buscou-se responder as perguntas: a) Quais os estágios textuais mais frequentes?; e b) Quais as marcas linguísticas que sinalizam esses estágios?.

Em última instância, elaboramos uma proposta de representação esquemática do gênero SR, a qual será apresentada na próxima seção.

3. Resultados e discussão

3.1 A configuração contextual das sessões reflexivas

Ao identificarmos a CC de cada SR, a partir das variáveis de Campo, Relações e Modo e das respostas encontradas para as perguntas sobre texto e contexto (Motta-Roth, 2011), chegou-se à definição da CC de cada SR (Tabela 1):

TABELA 1: Configuração Contextual das SRs

SR	#1	#2	#3
Campo	Encontro de um programa de formação continuada que aborda discussões sobre <i>Letramento</i> . Tem como propósito refletir sobre a prática pedagógica a partir do tema proposto para a sessão.	Encontro de um programa de formação continuada que aborda discussões sobre <i>Gênero discursivo</i> . Tem como propósito refletir sobre a prática pedagógica a partir do tema proposto para a sessão.	Encontro de um programa de formação continuada que aborda discussões sobre <i>Interdisciplinaridade</i> . O propósito é refletir sobre a prática pedagógica a partir do tema proposto para a sessão.
Relação	Professores da escola, professor da UFSM ¹ , aluno do curso de pós-graduação em Letras/UFSM e alunos do curso de graduação em Letras/UFSM. Relação não hierárquica entre o pesquisador/mediador e entre os professores da escola (debatedores).	Professores da escola, professora do Curso de Letras/UFSM e aluna do curso de pós-graduação em Letras/UFSM. Relação não hierárquica: pesquisador/mediador e professores da escola (debatedores).	
Modo	Canal fônico, processo dialógico, meio: falado e escrito, papel da linguagem: constitutivo, registro: formal/informal.		

Ao analisarmos a CC de cada SR e, posteriormente, compará-las, foi possível observar as particularidades de cada sessão.

Na variável Campo exploramos a natureza da prática social, a qual consiste em expor, discutir, problematizar e refletir acerca de (um) determinado(s) tema(s) relacionado(s) ao fazer docente, buscando construir concepções e práticas que ofereçam melhorias e/ou soluções para os problemas identificados no contexto escolar. Assim, observamos que a problematização e a reflexão acerca dos temas relacionados ao fazer docente se modificam em cada SR. Isto se deve ao fato de que, no ano de 2012 (SR #1), o programa de formação continuada tinha como tema proposto o letramento, já no ano de 2013, os professores da escola decidiram discutir sobre gêneros textuais (SR #2) relacionando-os a uma prática pedagógica interdisciplinar (SR #3).

¹ Universidade Federal de Santa Maria

Na variável *Relações*, em termos da relação entre os participantes, por se tratar de uma prática que busca a colaboração entre duas instâncias educacionais (a escola e a universidade), ainda que tímidas, as distâncias sociais tendem a se minimizar, ao passo que o controle hierárquico, ainda que não totalmente, centra-se, geralmente, no papel do pesquisador/mediador. Ao nos debruçarmos sobre essa variável, de modo geral, podemos observar uma tensão entre a busca do estabelecimento de um contexto colaborativo, no qual pesquisadores da universidade, professores da escola e alunos do curso de Letras/UFSM estão engajados na problematização e proposição de soluções para problemas identificados no contexto escolar. Da mesma forma, observamos que as relações hierárquicas levam a uma manutenção do poder centrado na figura do pesquisador/mediador, dado que, via senso comum, cabe a ele definir os encaminhamentos e as dinâmicas a serem seguidas a cada encontro. Por outro lado, observam-se diferenças nessa variável entre a sessão #1 e as sessões #2 e #3 no diz respeito aos participantes e ao ano de desenvolvimento do programa de formação continuada nessa escola. No ano de 2012, contávamos com a participação de alunos de graduação, que atuavam como bolsistas do projeto, o que não se estendeu para o ano seguinte.

Dessa maneira, a variável *Modo*, ou seja, o papel desempenhado pela linguagem é constitutivo nesse contexto, pois o objetivo da ação social é desenvolver um processo dialógico e colaborativo de (re)configuração de conceitos e práticas didático-pedagógicas. Em todas as SRs, o meio é fônico e o contato é visual entre os participantes, o que permite a orientação, a organização e a alternância das tomadas de turnos nas discussões.

3.2 A EPG das sessões reflexivas

A Tabela 2 apresenta a abstração de oito estágios textuais (passos) que se realizam em três movimentos retóricos principais (Abertura, Andamento e Encerramento da sessão) identificados na análise das transcrições das SRs. Os três movimentos centrais se materializam em 7 estágios (ou passos) obrigatórios (1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8), que, por suas recorrências, determinam o sucesso na realização do evento comunicativo e "são essenciais e definidores do gênero" (Motta-Roth e Heberle, 2005:18). Ainda, encontramos 1 passo opcional e 1 iterativo.

A seguir cada movimento e os passos associados a ele são descritos, bem como as funções de cada elemento para a realização do objetivo do gênero.

TABELA 2: Estrutura Potencial de Gênero das SRs

SR	#1	#2	#3
Estágios textuais: Movimentos e Passos	<p>Movimento 1: Abertura da Sessão Passo 1: Saudações Passo 2: Apresentar o(s) participante(s): a. professores da universidade/escola b. alunos da universidade Passo 3: Informar o tópico de discussão</p> <p>Movimento 2: Andamento da Sessão Passo 4: Introduzir o tópico: a. por questão "geradora" b. por relato de experiência docente c. pelas impressões sobre leitura(s) realizadas d. por exemplo do cotidiano (família, sala de aula) Passo 5: Discutir o tópico: a. pela sistematização dos conceitos centrais discutidos b. por meio de proposta de atividade(s) prática(s) para sedimentar conceitos</p> <p>Movimento 3: Encerramento Passo 6: Antecipar tópicos para o próximo encontro por: a. indicação do assunto b. indicação de leitura futura c. questionamento(s) sobre leitura a ser realizada d. reorganização da(s) atividade(s) Passo 7: Encerrar a sessão [e/ou] Passo 8: Despedidas</p>	<p>Movimento 1: Abertura da Sessão Passo 1: Saudações Passo 2: Conferir o recebimento dos e-mails do grupo Passo 3: Informar o tópico de discussão</p> <p>Movimento 2: Andamento da Sessão Passo 4: Introduzir o tópico: a. por gestão de exemplo Passo 5: Discutir o tópico: a. por meio de proposta de atividade(s) prática(s) para sedimentar conceitos b. por meio de questionamentos lançados pelo participante-pesquisador c. a partir das leitura(s) realizadas d. por meio de exemplo do cotidiano e da prática docente e. por meio de exemplos de transposição didática sobre o tópico discutido</p> <p>Movimento 3: Encerramento Passo 6: Antecipar atividades para o próximo encontro por: a. proposta de construção de atividade didática Passo 7: Encerrar a sessão [e/ou] Passo 8: Despedidas</p>	<p>Movimento 1: Abertura da Sessão Passo 1: Saudações Passo 2: Conferir o recebimento dos e-mails do grupo Passo 3: Informar o tópico de discussão</p> <p>Movimento 2: Andamento da Sessão Passo 4: Introduzir o tópico: a. por questão "geradora" b. por relato de experiência docente Passo 5: Discutir o tópico: a. por meio de relato dos sucessos e das dificuldades da prática docente b. por meio de críticas ao sistema de ensino c. por meio de exemplos de transposição didática sobre o tópico discutido d. a partir das leitura(s) realizadas</p> <p>Movimento 3: Encerramento Passo 6: Antecipar atividades para o próximo encontro por: a. reorganização da(s) atividade(s) Passo 7: Encerrar a sessão [e/ou] Passo 8: Despedidas</p>

O Movimento 1 instancia a abertura do evento comunicativo e, geralmente, caracteriza-se por uma saudação inicial (Passo 1). Essa saudação pode ser seguida pela apresentação e identificação dos participantes da sessão (Passo 2 da SR #1).

Ao analisar comparativamente as SRs, podemos perceber que o Passo 2 difere na SR #1, mas continua o mesmo nas SRs #2 e #3. Nesse sentido, o Passo 2 na SR #1 foi considerado iterativo porque seu aparecimento pode dar-se no início, no meio, ou no encerramento da sessão, variando de acordo com a chegada de algum participante no recinto (Exemplo 1). Ainda, nas outras SRs, não houve a necessidade de se apresentar os participantes, pois o grupo de professores e pesquisadores havia permanecido o mesmo do ano de 2012, no qual o programa de formação continuada teve início.

Já na SR#2 e #3, o Passo 2 é opcional, pois somente se materializará no gênero se algum e-mail tiver sido enviado previamente e houver a necessidade de conferir o recebimento do mesmo. Pode-se concluir que o estágio 2 é opcional, pois "sua ocorrência é variável e não é definidora do gênero" (Motta-Roth e Heberle, 2005:18). Os elementos linguísticos sinalizadores de cada estágio textual estão destacados em negrito nos exemplos abaixo.

Exemplo 1: [Movimento 1 – Passo 2 - SR#1]

*Pesquisador 1 – Assim, vocês poderiam dizer o **nome e a área** pra gente poder começar?*

*Professor 1 – Marta², **primeiro ano**.*

*Professor 2 – Regina, **quarto ano**.*

[...]

Exemplo 2: [Movimento 1 – Passo 2 – SR#3]

*Pesquisador 2: Bom, vamos começar. Todas **receberam o email?** Sim?*

Professor 2: Sim.

*Maísa: Conseguiram **dar uma olhada? Ler alguma coisa?***

[...]

Ainda no Movimento 1 (Abertura da sessão), o Passo 3 foi considerado obrigatório porque informa o tema proposto para as

² O nome dos participantes foram alterados para manter o sigilo das identidades.

sessões, assim nos remete ao objetivo dessa atividade social, a reflexão sobre a prática pedagógica a partir de um tema proposto. (Exemplos 3 e 4).

Exemplo 3: [Movimento 1 – Passo 3 – SR#1]

*Pesquisador: Então, só pra lembrar que quando a gente se encontrou [...] os dois temas que a Renata e Roberta me pediram eram **letramento** e gêneros, então a gente vai começar hoje essa discussão sobre o que é **letramento** [...] então a gente tem duas atividades pra propor pra vocês, a primeira é um questionário pra vocês responderem e, depois, a gente trouxe um PowerPoint pra gente poder pensar alguns conceitos, ver o que vocês elaboram, até onde eles vão... Enfim, pra gente fazer um comparativo para ver o que vocês conseguem pensar nesse momento... quem sabe até no fim fazer um conceito nosso aqui... então eu vou começar com as primeiras impressões de vocês, não precisa colocar nome, nada, é só pra gente ter uma ideia inicial [...]*

Exemplo 4: [Movimento 1 – Passo 3 – SR#2]

*Pesquisador 2 – A gente vai ver hoje esses aspectos [...] "**gêneros textuais**, definições e ensino", o **gênero** é um de nossos temas e que foi que vocês abordaram no questionário [...]*

O Movimento 2 caracteriza a sessão propriamente dita, é o desenvolver da prática reflexiva e, por esse motivo, é o movimento mais longo. Esse movimento apresenta como elementos obrigatórios os Passos 4 e 5. No Passo 4 o tema de cada sessão é introduzido, geralmente, a partir da exposição de uma questão "geradora" ou por relato de uma experiência docente, com o intuito de promover a discussão do tópico, que se materializa pelo Passo 5 (Exemplos 5, 6 e 7).

Exemplo 5 [Movimento 2 – Passo 4a – SR#1]

*Pesquisador 1: [...] hoje a gente vai falar um pouquinho sobre concepções de **letramento**. Ultimamente a gente tem ouvido falar muito sobre ele, tá todo mundo falando sobre isso, inclusive nos parâmetros curriculares, nas orientações curriculares, jornais,*

*revistas [...] todo o mundo está falando sobre isso, professores, o pessoal da universidade... só que, não sei pra vocês, mas pra mim sempre fica um ponto de interrogação na minha cabeça sobre isso, todo mundo falando sobre isso, **mas afinal o que é letramento?** Ai vocês responderam[nos questionários]... Bem, eu vou apresentar algumas ideias pra vocês e vou perguntar se o que vocês responderam fecha mais ou menos com isso [...] **Alguém respondeu algo parecido com letramento é decodificar ou reconhecer as letras?***

Exemplo 6 [Movimento 2 – Passo 4a – SR#3]

*Pesquisador 2: **Vocês já trabalharam interdisciplinarmente na sala de aula?** Como? [...] pensando na prática de vocês e no conceito de interdisciplinaridade que vocês já tem, né [...] por meio da prática de vocês, que que vocês poderiam dizer, "eu acho que interdisciplinaridade é isso" [...]*

Exemplo 7 [Movimento 2 – Passo 5a – SR#2]

*Pesquisador 2: Esse é o corpo da carta do menino pro Papai Noel. E o que **nós vamos fazer agora**. Vocês tem ali separado, em alguns blocos.*

Professor 3: É.

Pesquisador 2: Vocês tem ali do número 1 ao 5, descritivo [...]

Professor 4: narrativo, expositivo, injuntivo e argumentativo.

*Pesquisador 2: Que vocês vão fazer agora, **vocês vão conectar essas partes do texto com essas funções** que tão ali do lado, de 1 a 5.*

Observou-se que os Passos 4 e 5 também podem se realizar de outras formas, por isso consideramos os subpassos b, c, d e, e do Passo 4, como iterativos para esses dois estágios, dado que ao longo do processo reflexivo poderão ocorrer inserções e discussões a partir de relatos de experiência profissional, relações com leitura(s) realizadas e exemplos com base em fatos do cotidiano familiar, escolar, etc. Da mesma forma, essa variação na maneira como a discussão é desenvolvida pode ter relação com o fato de que cada SR abordava diferentes temas geradores (letramento, gênero e interdisciplinaridade).

Ainda, dentro do Movimento 2, na SR #1, o andamento da sessão pode ser realizado por sistematizações referentes ao tópico (Passo 5a),

via conceitos, e/ou proposição de atividades práticas (Passo 5b) (Exemplo 8).

Exemplo 8 [Movimento 2 – Passo 5b – SR#1]

*Pesquisador 1: [...] então agora a gente vai **propor uma atividade relacionada com a ideia de letramento multissemiótico** [...] Então o que eu vou fazer agora com vocês... Aqui vocês têm o título de uma notícia que saiu na Revista Ciência Hoje para crianças [...] a **proposta** pra vocês, com base no título e nas informações é **escolher uma imagem, o que que vocês acham que melhor representa essa reportagem**, se você tivesse que escolher uma imagem qual vocês escolheria? Por quê?*

O Movimento 3 marca a conclusão (satisfatória ou não) do evento comunicativo. Realiza-se, geralmente, pela indicação do encerramento da sessão (Passo 7), mas o ato de finalizar o encontro pode acontecer, como mostrou esta análise, de outras duas formas: pela antecipação de atividades e/ou tópicos para o encontro seguinte (Passo 6) e/ou por despedidas (Passo 8), como dizer adeus, agradecer a presença, etc. A ocorrência do Passo 8 dependerá do grau de familiaridade dos participantes do evento.

Nesta análise, o Passo 7 foi considerado obrigatório, pois se concretiza em todas as SRs, porém podemos pensar nesse elemento como opcional, no sentido de que o desenvolvimento e a organização das atividades futuras podem ser necessários em alguns momentos do processo, e, desnecessário em outros, permanecendo a sua ocorrência a critério da sequência e deliberação dos encontros e dos participantes.

Os exemplos 9 e 10 ilustram a ocorrência do Passo 7 na organização retórica do gênero SR.

Exemplo 9

[Movimento 3 – Passo 7 - #SR1]

*Pesquisador 1: Bem pessoal, eu acho que a gente **tem que sair da sala** (8)... Assim, para o **próximo encontro** a gente vai mandar por email o primeiro texto pra gente discutir... aquele que a gente falou na semana passada...*

Professor 5: Quem envia?

Professor 6: O Pedro²... a gente pegou os e-mails de vocês...

Exemplo 10

[Movimento 3 – Passo 7 - #SR3]

*Pesquisador 2 – Eu acho que nós **vamos ter que seguir no outro encontro**, né?*

Pesquisador 3 – Sim.

Pesquisador 2 – Então é isso pessoal [...]

Por meio da análise da organização retórica de três exemplares do gênero SR, podemos compreender que os movimentos e os estágios comuns aos três exemplares analisados asseguram a estabilidade do gênero SR, ou seja, esse gênero continua a cumprir suas funções necessárias (Devitt, 2004) para o contexto em que se insere. Por outro lado, a flexibilidade do gênero SR evidenciada principalmente no Passo 5, assegura que os usuários desse gênero podem adaptá-lo às suas situações particulares e circunstâncias de mudança (Ibidem). No caso dessas sessões analisadas, pode-se concluir que as mudanças evidenciadas na descrição da EPG (Tabela 2) estão relacionadas aos objetivos e as temáticas propostas em cada SR.

4. Considerações finais

Os gêneros são construções humanas (Devitt, 2004) e funcionam socialmente organizando as nossas vidas (Ibidem). Dentro do contexto educacional, muitos gêneros, como a sessão reflexiva, foco desta análise, não só organizam as atividades como também são (re)definidores das práticas do contexto escolar. Nessa perspectiva, a análise comparativa do gênero sessão reflexiva demonstra a relevância de se compreender a organização retórica desse gênero que organiza e medeia pesquisas focadas na discussão e reflexão acerca das práticas pedagógicas de professores em formação continuada.

Nossa representação esquemática para o gênero propõe três movimentos centrais que se materializam em 7 estágios obrigatórios (Passos 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8), pois sua ocorrência determina o sucesso na realização desse evento comunicativo. Para finalizar, cabe lembrar que a EPG aqui apresentada é uma proposta de representação da organização retórica do gênero com base em uma análise comparativa de três exemplares, portanto, levando-se em conta o contexto de situação, os participantes e os propósitos da interação, podem ocorrer variações tanto na ordenação dos estágios quanto na mobilidade entre eles.

Por fim, entende-se que o estudo da configuração retórica desse gênero bastante utilizado em pesquisas de formação de professores (Abrahão, 2006; Soares, 2011) pode oferecer contribuições acerca das

Silva, Eliseu Alves da; Brum, Maísa Helena. A organização retórica do gênero sessão reflexiva em um programa de formação continuada. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 186-201, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

dinâmicas que constituem essa prática social, bem como insights e possibilidades de planejamento e desenvolvimento desses encontros para pesquisas que se debruçam, neste caso, sobre o contexto escolar (Silva, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. V. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: foco o professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 219-231, 2006.

DEVITT, A. J. *Writing genres*. Carbondale II: Southern Illinois University Press, 2004.

GIMENEZ, T; ARRUDA, N. I. L.; LUVUZARI, L. H. Procedimentos reflexivos na formação de professores: Uma análise de propostas recentes. *Intercâmbio*, v. 13, p. 1-5, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3rd Edition. London: Hodder Arnold, 2004.

HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press. p. 52-58, 1989.

MACHADO, A. R. A formação de professores como locus de construção de conhecimentos científicos. In: MAGALHÃES, M. C. C. (Org.). *A formação do professor como um profissional crítico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 225-250, 2004.

MAGALHÃES, M. C. Reflective Sessions: a tool for teachers to critically understand classroom actions. In: FIDALGO, S. S.; SHIMOURA, A. S. (Orgs.) *Pesquisa Crítica de Colaboração: um percurso na formação docente*. São Paulo: Ductor, p. 185-215, 2007.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: _____. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 45-58, 2009b.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4^a ed. Rev. Ament. São Paulo: Parábola, p. 153-173, 2011.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 12-28, 2005.

SANTOS, C. L. B. dos. *A sessão reflexiva na formação de cinco professores de inglês da escola pública: que gênero discursivo é esse?* In: Encontro Estadual De Didática E Prática De Ensino, 4, 2011, Goiânia. Anais. Goiânia, GO: PUC, 2011. Disponível em

Silva, Eliseu Alves da; Brum, Máisa Helena. A organização retórica do gênero sessão reflexiva em um programa de formação continuada. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 186-201, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/lingua_literatura_estrangeira/co/CO%20404-894-1-SM.pdf> Acesso em 07 mar. 2012.

SILVA, E. *A organização retórica do gênero sessão reflexiva*. In: Seminário Internacional em Letras, XIII. Santa Maria, 2013. Anais XIII Seminário Internacional em Letras.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.